DOI: https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol22i1a7

CC BY NC

SEÇÃO TEMÁTICA

Grupos de jovens católicos: um estudo sobre identidades vivências e práticas religiosas no norte de Portugal

Catholic youth groups: a study on identities, experiences and religious practices in northern Portugal

*Carla Manuela Cardoso**
*Teresa Medina***
*Sofia Marques da Silva****

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre identidades, vivências e práticas religiosas de participantes em grupos de jovens católicos (GJC). Os grupos de jovens católicos constituem-se como espaços de sociabilidade e socialização relevantes, nos quais se podem desenvolver significativos processos de formação, com impacto na construção de uma identidade religiosa. Ainda que se reconheçam as potencialidades destes grupos, no quadro de um processo de socialização mais amplo, que acontece ao longo da vida, estudos específicos sobre estes grupos são ainda muito reduzidos, nomeadamente no que se refere ao contexto português. Neste artigo, a partir do referente teórico da sociologia da educação e da formação e de estudos juvenis, discutiremos os dados de um inquérito aplicado a participantes em grupos de jovens católicos, situados em quatro dioceses, no norte de Portugal (N=765). A análise dos dados aponta para uma, cada vez maior, descompactação das identidades religiosas, associada a processos de resistência juvenil e permitida pela Igreja Católica como resposta ao processo de secularização.

Palavras-chave: Grupo de Jovens Católicos; religiosidade; identidades; socialização.

Abstract: This article discusses participants' religious identity, experiences, and practices in Catholic Youth Groups. These groups seem to constitute relevant spaces for sociability and socialization, in which significant educational processes impact religious identity construction. Although the potential of these groups in the broader socialization process that takes place throughout life is recognized, studies on these groups are still minimal, particularly concerning the Portuguese context. In this article, based on the theoretical framework of the sociology of education and training and youth studies, we will discuss data from a survey applied to young people participating in Catholic groups located in four dioceses in the north of Portugal (N=765). The results point to an increasing decompression of religious identities that, in some way, is achieved through processes of youth resistance and allowed by the Catholic Church as a response to the secularization process.

Keywords: Catholic Youth Groups; religiosity; identities; socialization.

* Doutoranda em Ciências da Educação (FPCEUP, Portugal). ORCID: 0000-0002-4456-4751 – contato: carla.ma.cardoso@gmail.com

** Professora auxiliar na FPCEUP (Portugal). Doutora em Ciências da Educação (FCPEUP, Portugal). ORCID: 0000-0003-4828-026X – contato: tmedina@fpce.up.pt

*** Professora associada na FPCEUP (Portugal). Doutora em Ciências da Educação (FCPEUP, Portugal). ORCID: 0000-0002-2688-1171 – contato: sofiamsilva@fpce.up.pt

Introdução

Acompanhando uma complexidade crescente, em termos das dinâmicas sociais globais, a sociedade portuguesa tem "vindo a conhecer decomposições e recomposições diversas do seu tecido religioso" (Teixeira, 2013, p. 115). No que diz respeito ao catolicismo, a teoria da secularização apontava para um declínio progressivo da importância das religiões, tanto para o indivíduo, como na sociedade. Este declínio dar-se-ia pela substituição do papel desempenhado pela religião, e pelos seus dogmas explicativos, pelo pensamento racional, legitimado pelo exercício científico. É neste alinhamento que Vilaça (2021, p. 64) considera que "a par da racionalização e erosão do sobrenatural, a privatização da fé e a diferenciação e autonomização dos vários domínios sociais foram entendidas pelos autores da secularização como outras facetas desse fenómeno".

As questões da privatização da fé, da diferenciação e da autonomização são bastante relevantes para entender o catolicismo em Portugal, atualmente, sendo que a própria Igreja vive processos de secularização interna, isto é, de "racionalização do discurso (…) ainda que articulada com formas tradicionais e renovadas de sacralização (Vilaça, 2021, p. 65).

É neste contexto que se compreendem melhor as transformações que ocorrem no catolicismo, que já "não se transcreve na figura de um catolicismo compacto, mas descobre-se num pluriverso de pertenças – visíveis socialmente, mas frequentemente invisíveis nas lógicas de ação pastoral das instituições católicas" (Teixeira, 2013, p. 116).

Neste quadro, tendo em consideração as reconfigurações sociais e do campo religioso em Portugal, considera-se pertinente analisar o papel dos GJC, enquanto espaços pedagógicos e de socialização religiosa, assumindo-se a socialização como um processo formativo, no "decurso do qual os contextos familiares, escolares [de participação social mais alargada] e profissionais constituem lugares de regulação de processos específicos que se enredam uns nos outros, dando uma forma original a cada vida" (Dominicé, 1988, p. 60). No mesmo sentido, Casanova (2006) salienta que o indivíduo moderno está "condenado" a analisar e escolher a partir de um conjunto muito alargado de sistemas de significados, incluindo aqui, e cada vez mais, o que diz respeito à religião.

Os grupos de jovens católicos (GJC) são uma dimensão da pastoral de toda a Igreja Católica Apostólica Romana (designada aqui por Igreja Católica – IC), traduzindo a sua atenção particular às juventudes. De acordo com o documento Bases para a Pastoral Juvenil (2002), da Conferência Episcopal Portuguesa, aqueles grupos constituem um "elemento pedagógico a suscitar e a apoiar na pastoral juvenil, pela sua importância no desenvolvimento humano e espiritual, como espaço de reflexão, de aprendizagem e de experiência de vida" (A.A.V.V., 2002, nº 17). Constituem, assim, espaços por excelência para as sociabilidades jovens e de socialização para quem deseja continuar a sua caminhada religiosa após os 10 anos de catequese.

Constatando a pouca produção académica e científica em torno destas questões, consideramos relevante o estudo desenvolvido, no âmbito de uma investigação de doutoramento, sendo com base nalgumas das suas dimensões que se construiu este textoO artigo começa com um breve enquadramento sobre os processos de participação e identificação religiosa dos jovens católicos, a que se segue a apresentação de um inquérito

aos participantes em grupos de jovens católicos que, como se constatará, nem sempre estão na faixa etária considerada jovem. Na discussão dos resultados será apresentado um perfil socio-religioso dos participantes em GJC, apontando as conclusões para uma descompactação das identidades religiosas, resultante das transformações sociais da contemporaneidade, e, também, das atividades e açõespromovidas pelos próprios GJC e, em consequência, pela própria IC.

A participação em Grupos de Jovens Católicos: pastoral juvenil

A participação juvenil tem sido largamente discutida/estudada nos últimos anos, tanto na investigação científica, incluindo projetos financiados pela União Europeia, e a emissão de relatórios sobre a situação juvenil como *Flash Eurobarometer* (UE, 2018), como ao nível das políticas locais, nacionais e europeias (sendo exemplos desta preocupação o *Plano Nacional para a Juventude* e a *Estratégia Europeia para a Juventude). Nestes*, apesar da participação social, cívica e política ser considerada muito importante e relevante para a formação de jovens cidadãos, raramente se abordam as questões de participação/envolvimento religioso, o que revela algum desinteresse por estes espaços. Este desinteresse científico e político pode estar associado a uma permeabilidade da teoria da secularização em diversos contextos como o político e o científico (neste caso, em áreas não tão próximas dos estudos sobre a religião). No que à população portuguesa diz respeito, o estudo de Magalhães e Moral (2008, pp. 36-37) revela que "nenhum tipo de associação tem como participantes activos mais do que 1 em cada 10 dos inquiridos com 15 anos ou mais e apenas os grupos/associações de natureza paroquial ou religiosa atingem esse patamar". Quando estratificado por idade, percebe-se que a pertença e participação ativa no contexto paroquial ou religioso é, na faixa etária dos 15-17 anos, de 18%, igualando a desportiva. Na faixa etária dos 18 aos 29 anos, a pertença e participação ativa no contexto desportivo desce para os 11,3% e no contexto paroquial ou religioso para os 8% (Magalhães, Moral, 2008, p.39).

É no quadro de um menor interesse sobre os espaços religiosos de participação juvenil, a que já aludimos, que se revela a existência de poucos estudos sobre a pastoral juvenil (PJ), entendida aqui como o meio através do qual a IC organiza a ação com e para os jovens. Tal como refere Alberto (2015), a pastoral juvenil não se esgota nos GJC, no entanto, o contacto mais direto com os jovens faz-se, maioritariamente, a partir destes. A PJ, enquanto espaço juvenil de participação e socialização, como foi referido, tem sido pouco ou nada estudada em Portugal, apesar de alguns trabalhos reflexivos terem vindo a ser desenvolvidos ao longo dos anos, nomeadamente o de Barbosa (1993), encetando novas formas de pastoral juvenil no contexto da modernidade. Carvalho (2012), embora no título do seu artigo inclua as palavras Pastoral Juvenil, associa-a apenas ao trabalho educativo que incide sobre a fé no itinerário educativo nas Escolas Católicas e em Educação Moral Religiosa e Católica. E Alberto (2012), fazendo uma nova reflexão sobre a PJ no quadro da modernidade, chama a atenção para projetos de pastoral mais fluidos e adaptados a um perfil de jovem cada vez mais diversificado. Mais recentemente, a partir da realidade salesiana, Mendes (2018) propõe uma reflexão

aprofundada sobre o que caracteriza a PJ. Todos estes contributos são relevantes para um maior esclarecimento sobre este campo, mas debruçam-se apenas sobre como melhorar o processo, tendo em consideração a diminuição do número de jovens nestes grupos, não analisando os efeitos e potencialidades dos GJC, na forma como estão a desenvolver a sua atividade.

Processos de identificação religiosa juvenil na contemporaneidade

A modernidade e a globalização, com as suas transformações profundas nos modos de viver e relacionar-se, vieram impor outro conjunto de desafios à construção de identidades. Desafios que levam Bauman a propor que "em vez de falar sobre identidades, herdadas ou adquiridas, estaria mais próximo da realidade do mundo globalizado falar de identificação, uma atividade que nunca termina, sempre incompleta, na qual todos nós, por necessidade ou escolha, estamos engajados" (Bauman, 2001, p. 193). Vive-se hoje numa era em que a identificação se dá mais por necessidade e escolha, sendo menos sujeita a um compromisso, em todos os níveis da vida social, inclusive no que diz respeito à religião. Estes aspetos têm, assim, uma repercussão direta não só na identidade, mas também nas práticas e crenças. Portugal continua a ser um país de larga maioria Católica, no entanto, é cada vez mais premente questionar o que significa, atualmente, ser católico, até tendo em consideração que é um país com um monopólio religioso histórico (Vilaça, 2021), no qual a "identidade de posição" vai sendo substituída por uma "identidade em «trânsito»" (Teixeira, 2011, p. 249) (entre aspas no original). Uma identidade que não é estática, mas que se vai construindo a partir de trajetórias biográficas diversas, nos diferentes contextos em que cada indivíduo está inserido. Uma construção identitária de geometria variável que depende, em grande medida, do processo mais alargado de socialização, no qual o indivduo "afirma e constrói a sua especificidade humana, interrogando-se, construindo conhecimento sobre o mundo e sobre a sua forma de intervir nele" (Canário, 2006, p. 159), "ao longo de todo um percurso de vida, estando nele ancorado" (Medina, 2008, p. 25). Enquanto cada um constrói esse conhecimento, vão ocorrendo processos de identificação com diferentes contextos, espaços, mundivisões, valores, etc., de acordo com os sentidos que lhes são atribuídos e com as respostas que vai encontrando às questões concretas da vida. Neste processo, identificar-se como católico, numa lógica mais "compacta", implicaria uma adesão a um conjunto de práticas e crenças, que se traduzem também numa perspetiva de olhar o mundo, a vida e a intervenção nele bem delimitada. Teixeira, quando aborda as identidades em transição ou descompactadas (Teixeira, 2011), remete para todas estas questões, considerando que, assim, se constrói uma eclesiosfera onde "graus diversos de implicação na Igreja católica se afirmam" (Teixeira, 2013, p. 205); eclesiosfera essa constituída por aqueles mais observantes e implicados no dinamismo católico das suas comunidades locais e por aqueles que se situam numa pertença mais periférica, com práticas ocasionais ou até católicos nominais (aqueles que se identificam como católicos mas sem qualquer prática). Entender a posição religiosa como este processo de identificação, que se constrói socialmente, através do processo de socialização ao longo da biografia,

implica entender também que estes diversos graus de identificação são mutáveis, ou seja, estão em movimento da periferia para o centro e do centro para a periferia.

A partir do exposto torna-se clara a necessidade de problematizar as formas de identificação com o catolicismo dos participantes em GJC, bem como as suas formas de negociação e resistência.

O inquérito aos participantes em Grupos de Jovens Católicos

Neste artigo apresentamos e discutimos uma parte dos dados de uma pesquisa mais alargada sobre culturas juvenis e participação em grupos de jovens católicos em Portugal: vivências, trajetórias e processos de formação. Para os objetivos deste estudo, e dado não existirem dados sobre a pastoral juvenil em Portugal, e em específico sobre os grupos de jovens católicos, foi necessário desenvolver um inquérito por questionário aos participantes nestes grupos, com o objetivo de conhecer os jovens e a sua participação neles. O questionário tinha 39 questões organizadas em cinco grupos, sendo que, neste artigo, mobilizaremos dados de três grupos de questões. O estudo foi desenvolvido em 4 dioceses do Norte de Portugal: Aveiro, Braga, Bragança-Miranda e Porto. Dado que pretendíamos estudar os jovens, os seus grupos e modelos de participação, com a diversidade a estes implícita, optamos por uma amostragem heterogénea ou de diversidade. De acordo com Marôco (2014), este tipo de amostragem permite chegar a todas (ou pelo menos a uma grande maioria) das características do grupo em causa, numa lógica de diversidade, independentemente da proporção em que elas estão presentes, até porque esta é desconhecida, o que consideramos ser uma vantagem neste estudo. Não se pretendia com este inquérito generalizar, mas sim identificar a variedade presente nos grupos de jovens católicos, tendo sido colocados em marcha diversos dispositivos para garantir a diversidade, nomeadamente através do contacto com os responsáveis diocesanos e de movimentos, congregações e institutos religiosos, divulgação em diversas atividades, etc.

O inquérito foi preenchido online através da plataforma *Limesurvey*, sendo a amostra constituída por 765 indivíduos com idades compreendidas entre os 12 e os 70 anos, sendo a idade média 22 anos. A maioria dos inquiridos é do sexo feminino (69%), sendo apenas 31% do sexo masculino. Foram identificados respondentes oriundos de 345 grupos diferentes, sendo que 39,2% (N=300) estão a desempenhar o papel de animadores do seu grupo. De acordo com os dados apresentados no quadro 1, a maioria dos inquiridos participa sempre no GJC, sendo que 42,1% referem participar regularmente.

Quadro 1 – Regularidade da participação no GJC (%)

Raramente	5,2
Frequentemente	42,1
Sempre	52,7

Fonte: elaboração das autoras

Além da participação no GJC, 59,1% dos inquiridos referem participar também noutros grupos da paróquia. Foi realizada análise estatística descritiva recorrendo ao *IBM SPSS Statistics 25*.

A participação no Grupo de Jovens Católicos

Antes de entrar na discussão dos dados recolhidos do ponto de vista de um perfil sociorreligioso dos participantes em GJC, convém dar conta, em traços gerais, do funcionamento destes grupos. Estes dados são apresentados a partir das perceções dos inquiridos acerca do seu grupo e não por grupo identificado. Relativamente ao tipo de grupo, foi possível identificar grupos de caráter diocesano, inscritos de alguma forma na dinâmica de uma paróquia, e grupos associados a movimentos/congregações/ institutos religiosos e, em consequência, com orientação a partir de um carisma próprio. Na interface entre estes dois tipos, dá-se a existência de alguns grupos que, contando com o apoio de um movimento/congregação/instituto religioso, se inserem também no dinamismo paroquial. A distribuição é apresentada no quadro 2.

Quadro 2 – Tipo de grupo (%)

Diocesano/paroquial	64,3
Movimento	9,5
Simultaneamente paroquial e movimento	26,2

Fonte: elaboração das autoras

Do ponto de vista do seu funcionamento, estes grupos caracterizam-se pela realização de reuniões periódicas, sendo que a maioria reúne semanalmente (56,9%) ou quinzenalmente (17,4%). Os restantes grupos reúnem com outro tipo de periodicidade, que pode ser mensal ou quando considerado necessário para preparar alguma atividade, se a sua ação é centrada nestas.

Quadro 3 – Periodicidade das reuniões (%)

Semanalmente	56,9
Quinzenalmente	17,4
Mensalmente	13,2
Quando é necessário preparar alguma atividade	9,9
Outro	2,6

Fonte: elaboração das autoras

No que diz respeito às ações desenvolvidas durante as reuniões do grupo, a distribuição é apresentada no quadro 4.

Quadro 4 – Periodicidade das atividades desenvolvidas nas reuniões (%)

	Nunca ou raramente	Frequentemente ou sempre
Tema preparado	20,9	79,1
Tema espontâneo	32,4	67,5
Atividades paróquia	23,7	76,4
Formação	76,2	23,8
Totalmente dedicado à oração	57,0	43,0
Catequese	72,7	27,3
Oração Inicial ou final	17,0	83,0

Fonte: elaboração das autoras (Nunca ou raramente corresponde a uma periocidade inferior a 1 vez por mês; frequentemente ou sempre corresponde a uma periodicidade de, pelo menos, 1 vez por mês)

Para além das reuniões, a participação no GJC contempla a participação e/ou organização de um conjunto muito alargado de atividades, desde o voluntariado, passando pela angariação de fundos para a paróquia ou movimento, até à participação em Jornadas Mundiais da Juventude. Neste artigo, optou-se por dar conta das reuniões, visto serem as atividades mais regulares e associadas a uma pertença prolongada no tempo, ainda que, do ponto de vista dos impactos ao nível das crenças, outras possam ser tão ou mais importantes.

Aproximações a um perfil sociorreligioso dos participantes em Grupos de Jovens Católicos

A discussão e análise dos dados inicia-se com a apresentação de elementos considerados significativos para a identificação do perfil dos participantes em grupos de jovens católicos. O primeiro aspeto considerado relevante diz respeito à idade dos indivíduos, pois foram obtidas respostas de participantes de 70 anos, o que pode não deixar de ser surpreendente. Reconhecemos que a idade, enquanto marco definidor da juventude, há muito que deixou de ser determinante, até porque a sua utilização implicava, de alguma forma, considerar a juventude como categoria homogénea, o que, de acordo com Pais (1990) e Silva (2011), não consideramos corresponder ao real. Apesar do descrito, e neste contexto específico, convém problematizar esta dimensão. A leitura do quadro 5 permite verificar que a maioria dos respondentes se encontra na faixa etária dos 16 a 20 anos e que 78,1% têm 25 anos ou menos; no entanto, 9,8% dos indivíduos que responderam têm 31 anos ou mais. Esta grande amplitude de idades confere uma elevada heterogeneidade aos grupos, que não têm apenas participantes jovens, mas também adultos e até mesmo pessoas idosas, embora numa percentagem, em geral, muito pouco expressiva. A participação daqueles com 31 anos ou mais poderia justificar-se se estes estivessem a desempenhar o papel de animadores, no entanto, nem todos o são.

Quadro 5 – Número de respondentes por escalão etário (%)

≤ 15	2,4
16 a 20 anos	48,8
21 a 25 anos	27,6
26 a 30 anos	11,5
31 a 35 anos	4,6
≥ 36	5,2

Fonte: elaboração das autoras

A maioria dos inquiridos (54,6%) está exclusivamente a estudar, sendo que 10,2% se identificam como trabalhadores-estudantes, o que está em consonância com os dados relativos à idade; 29% dos inquiridos são trabalhadores e 4,6% encontram-se desempregados.

No que diz respeito à sua configuração familiar, a grande maioria vive ainda com os pais/irmãos, sendo que a leitura do quadro 6 permite constatar que há participantes que já contraíram matrimónio, que vivem com o/a namorado/a ou em união de facto. Tendo em consideração que, historicamente, o marco do casamento, como "rito de passagem" (Pais, 2009), marcava a entrada na idade adulta e a saída do GJC, este aspeto é relevante. É também relevante a presença de jovens a viverem com o/a namorado/a e em união de facto, considerada como situação irregular, segundo a ortodoxia da IC.

Quadro 6 – Configuração familiar dos respondentes (%)

Pais/Irmãos	81,0
Outros familiares	1,2
Sozinho/a	3,1
Amigos/as	2,5
Esposo/a	5,9
Namorado/a	1,6
União de facto	,3
Outro	4,4

Fonte: elaboração das autoras

Apesar de os inquiridos serem todos participantes em GJC, considerou-se pertinente questionar sobre a sua posição religiosa, bem como a dos seus pais. A análise do quadro 7 demonstra que nem todos os participantes em GJC se denominam católicos. Além deste aspeto, é possível perceber traços de uma religiosidade herdada, com a figura da mãe a ter um papel mais relevante.

Quadro 7 – Posição religiosa dos respondentes e pais (%)

	Jovem	Pai	Mãe
Católico	96,2	87,3	97,5
Outra religião cristã (Ex. Protestante/Evangélico, Ortodoxo)	0,1	0,5	0,3
Outra religião não cristã (Ex. Muçulmano, Hindu)	0,1	0,0	0,0
Crente sem religião	0,5	1,6	1,4
Indiferente	0,5	8,2	0,4
Ateu ou agnóstico	1,0	2,0	0,3
Identifico-me com mais do que uma religião (Ex. Evangélica e Católica)	1,4	0,4	0,1

Fonte: elaboração das autoras

De facto, a religiosidade herdada culturalmente nota-se, também, a partir da incidência da socialização religiosa. O quadro 8 demonstra bem o grau de incidência da adesão aos sacramentos, a começar pelo batismo, mas num processo de decréscimo ao longo da adolescência, sendo a incidência do crisma a menor. Este aspeto já tinha sido evidenciado por Teixeira (2013), na sua análise dos dados do Inquérito das Identidades Religiosas de 2011, desenvolvido com uma amostra representativa da população portuguesa. No entanto, na amostra recolhida no âmbito desta investigação, e como seria expectável, as percentagens de adesão são substancialmente elevadas. Os dados do quadro 8 revelam ainda a relevância da frequência da catequese e da educação católica em casa.

Quadro 8 – Socialização religiosa (%)

Recebi o batismo	96,9
Fiz a primeira comunhão	94,8
Fiz a profissão de fé	88,9
Fiz o crisma	86,1
Frequentei a catequese até à primeira comunhão	74,8
Frequentei a catequese depois da primeira comunhão	85,4
Recebi uma educação católica em casa	69,8
Nenhuma das anteriores	0,1

Fonte: elaboração das autoras

No que diz respeito à prática religiosa, os inquiridos foram questionados acerca da sua prática de eucaristia/missa e oração. Em relação à missa, Teixeira (2013) reporta uma certa erosão quantitativa no número dos que vão regularmente à eucaristia, reportando também um aumento no número de praticantes irregulares. A prática regular está associada com a observância católica, ou seja, com o cumprimento da norma associada à identidade católica. Entre os inquiridos neste estudo (quadro 9), é

possível identificar uma larga maioria de católicos observantes (71,2%), ou seja, que frequentam a eucaristia pelo menos semanalmente. Não obstante, entre os inquiridos, existem aqueles que vão à eucaristia algumas vezes por mês (22%) e algumas vezes por ano (6,4%); existe igualmente uma percentagem residual, mas ainda assim interessante (0,4%), que referem nunca ir à missa.

Quadro 9 – regularidade da prática religiosa – eucaristia (%)

Nunca	0,4
Algumas vezes por ano	6,4
Algumas vezes por mês	22,0
Todos os domingos e dias santos	59,6
Algumas vezes por semana	10,0
Todos os dias	1,6

Fonte: elaboração das autoras

Com a finalidade de compreender melhor a prática católica, Teixeira (2012) tipificou os católicos segundo a prática da eucaristia, em seis categorias distintas: católico nominal (nunca); católico praticante ocasional (raramente ou menos de 1 vez por ano e 1-2 vezes por ano); católico praticante irregular (3-6 vezes por ano e 7-11 vezes por ano); católico praticante regular (1-2 vezes por mês); católico observante (todos os domingos e dias santos e mais de uma vez por semana); católico militante (os que à prática observante acrescentam a pertença a um movimento da Igreja Católica ou desenvolvem alguma atividade na paróquia). Os dados recolhidos neste estudo evidenciam que 71,2% dos participantes em GJC podem ser identificados como católicos militantes, sendo que 22% são católicos praticantes regulares, 6,4% católicos praticantes, considerados entre o irregular e ocasional, e 0,4% católicos nominais. Ora, a pertença destes jovens à GJC coloca uma nova dimensão na eclesiosfera católica diferenciada, que precisa de contemplar a participação/pertença a grupos, associada à identificação e à prática religiosa, até porque os dados agora recolhidos demonstram que, entre os jovens praticantes irregulares, existem aqueles que participam sempre ou frequentemente no grupo.

Outro aspeto relevante, relacionado com a observância, diz respeito aos que desempenham papéis de liderança nos grupos, os animadores. A análise deste grupo revela que 20% destes não são observantes, existindo ainda um animador inquirido que revela nunca ir à missa. Quando comparados com aqueles que não estão neste papel, 39% são não observantes, portanto, entre os participantes em GJC, os animadores são os mais participantes.

No que diz respeito à prática de oração, esta é considerada um dos comportamentos religiosos mais relevantes e persistentes (Teixeira, 2013), sendo que "a frequência com que as pessoas rezam poderá ser entendida como uma religiosidade relacionada com uma experiência intimista de relação com a transcendência e de busca de sentido e de ajuda que poderá operar-se em contextos individuais ou coletivos" (Vilaça &

Oliveira, 2019, p. 94). Os dados da amostra recolhida revelam altas percentagens de incumprimento da prática de oração diária, como apresentado no quadro 10.

Quadro 10 – regularidade da prática religiosa – oração (%)

Nunca	0,4
Algumas vezes por ano	6,4
Algumas vezes por mês	22,0
Todos os domingos e dias santos	59,6
Algumas vezes por semana	10,0
Todos os dias	1,6

Fonte: elaboração das autoras

No entanto, apesar de a ortodoxia da IC apontar para a oração diária, no seguimento de Teixeira (2013, p. 148), "se juntamos os que dizem rezar todos os dias e os que rezam irregularmente alguns dias por semana", obtemos uma percentagem de 71,2%, substancialmente superior à de 59,7%, referenciada pelo autor para a população nacional, o que revela que a participação nos GJC influencia as práticas de oração dos que os integram. No que diz respeito à oração, tal como na eucaristia, os animadores parecem ter uma prática mais frequente do que aqueles que apenas participam nos grupos, mas importa salientar que existe uma percentagem significativa de animadores (15,3%) que o fazem com uma regularidade mensal ou inferior. Analisando ainda a prática da oração por faixa etária, é possível verificar uma tendência de aumento da regularidade com o aumento da idade, sendo que nenhum respondente com mais de 26 anos referiu nunca rezar. O aumento da regularidade de oração com a idade pode estar relacionado com o facto de aqueles que permanecem no grupo, após os 25 anos, estarem mais comprometidos com a sua fé e pertença ao grupo.

É interessante e relevante neste contexto comparar a prática de oração com a de participação na eucaristia, dado que a primeira é "menos dependente de dispositivos institucionais e comunitários" (Teixeira, 2013, p. 151). Os dados recolhidos demonstram uma tendência daqueles que são observantes para uma maior regularidade na prática orante, mas constata-se que, entre os inquiridos observantes, existe uma percentagem de 16,6% que o fazem com uma regularidade de apenas algumas vezes por mês ou ainda menos.

A oração é uma prática com múltiplas interpretações e formas de ser desenvolvida, pelo que consideramos pertinente obter uma certa descrição da forma como os inquiridos a desenvolvem, para o que seguimos a proposta de (Teixeira, 2012), tendo acrescentado a opção Medito a partir da Palavra de Deus (Bíblia) (Exemplo: Leccio Divina), por a considerarmos pertinente no contexto católico e associada à participação nestes grupos. A descrição das práticas de oração é pertinente também para perceber até que ponto elas se enquadram na ortodoxia católica. As diferentes opções e resultados são apresentados no quadro 11, numa perspetiva comparativa com os resultados do estudo de Teixeira.

Quadro 11 – Descrição das práticas orantes por comparação com o IRP (%)

	Inquérito GJC	Inquérito identidades religiosas
Recito orações que aprendi	52,4	54,5
Rezo de forma livre e espontânea	81,4	40,4
Faço meditação de tipo oriental	7,2	1,5
Contemplação	22,0	2,0
Peço por mim	75,6	51,1
Peço pelos outros	80,2	52,2
Louvo a Deus (ou outra entidade sobrenatural)	46,5	15,4
Agradeço benefícios/graças	79,9	23,3
Procuro a paz interior	57,9	15,0
Procuro uma maior união com a natureza ou o universo	19,8	3,9
Medito a partir da Palavra de Deus (Bíblia) (Exemplo: Leccio divina)	25,0	

Fonte: elaboração das autoras com dados de Teixeira (2013).

Tendo em consideração que a amostra de Teixeira era representativa da população geral portuguesa e a nossa é de participantes em GJC, não é de estranhar que os resultados por nós obtidos sejam maioritariamente superiores aos de Teixeira (2013), não deixando alguns resultados de ser surpreendentes. Os nossos inquiridos apresentam uma maior tendência de rezar de forma espontânea do que de recitar orações aprendidas, o que pode apontar para um tipo de oração mais individualizada/privatizada e associada às suas experiências quotidianas, quase numa perspetiva de diálogo direto com o divino, que tem sido apresentada/defendida no contexto católico nos últimos anos. De facto, se compararmos a percentagem dos nossos inquiridos que rezam de forma livre e espontânea com os dados de Teixeira (2013), percebemos que esta prática tem uma percentagem superior ao dobro, na nossa amostra. Sendo que a nossa é essencialmente de jovens e a amostra de Teixeira inclui pessoas a partir dos 15 anos, este aspeto pode apontar para uma transformação nas práticas orantes que, ao tornarem-se mais livres, espontâneas e individualizadas, se afastam de práticas mais institucionalizadas. Se compararmos a percentagem de inquiridos que recitam orações aprendidas, este corresponde ao único descritivo no qual a percentagem no Inquérito das Identidades Religiosas é maior, e apenas discretamente, de 2,1%. Nas restantes descrições, as percentagens são sempre mais altas e nalguns casos mais do que o dobro, o que revela a elevada prática orante dos inquiridos e a diversidade de práticas. As orações de súplica ("peço por mim" e "peço pelos outros") e de agradecimento ("agradeço benefícios/ graças") parecem ser as mais realizadas pelos jovens, podendo decorrer em simultâneo e associadas à oração de forma livre e espontânea. Algumas das práticas orantes enunciadas não estão tão associadas à tradição católica – "faço meditação de tipo oriental", "procuro a paz interior" ou "procuro uma maior

união com a natureza ou o universo", apresentando percentagens consideráveis, não sendo claro se se podem associar estas práticas a outras tradições religiosas, dado que os inquiridos podem entender, por exemplo, a paz e a união com a natureza à luz da defesa da "casa comum", defendida pelo Papa Francisco, como uma prática católica e não como uma prática "New Age". A meditação a partir da Palavra de Deus, Leccio Divina, foi um descritivo que adicionamos, com o qual 25% dos jovens se identificaram, o que nos leva a considerar que, para o âmbito católico, pode ser pertinente acrescentar esta opção noutros estudos.

Um dos últimos aspetos a discutir, neste perfil, diz respeito às crenças, cujos resultados são apresentados no quadro 12, tendo sido seguida, também neste caso, a proposta de (Teixeira, 2012) na formulação da questão.

Quadro 11 – Descrição das práticas orantes por comparação com o IRP (%)

	Inquérito GJC	Inquérito identidades religiosas
a) Existem forças sobrenaturais no universo que influenciam as nossas vidas.	51,2	70,0
b) Existe um poder superior.	79,1	83,9
c) Existem energias cósmicas que influenciam o nosso destino.	31,4	60,0
d) Deus existe e fez-se conhecer na pessoa de Jesus Cristo.	89,6	78,7
e) Deus é uma invenção humana.	5,0	24,6
f) A alma reencarna numa outra vida.	27,6	43,7
g) Depois da morte tudo acaba.	8,5	40,5
h) A ressurreição de Jesus Cristo dá sentido à morte.	67,7	63,7
i) Não sabemos o que acontece depois da morte.	57,1	79,6
j) A humanidade caminha para a unidade numa única religião.	12,0	24,9
k) O Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo é o futuro da humanidade.	50,9	52,2
l) O fim do mundo está próximo.	9,6	24,6
m) A ciência e a técnica preparam um futuro melhor para a humanidade.	47,4	68,0
n) O futuro da humanidade está dependente das nossas escolhas éticas e morais.	80,3	82,3
o) A democracia é a melhor garantia para o futuro da humanidade.	48,2	65,4
p) Cada um está entregue a si próprio.	16,9	63,5
q) Ninguém muda o seu destino.	15,7	51,9

Fonte: elaboração das autoras com dados de Teixeira (2013).

A análise do quadro 12 revela alguns aspetos interessantes, demonstrando a coexistência de crenças mais alinhadas com verdades de fé explicitamente cristãs – d), h) e k) – e crenças mais relacionadas com perspetivas "New Age" como as opções c) e f) que apresentam um considerável percentual de aceitação. Dentro das formulações de crenças mais alinhadas com o cristianismo, é importante salientar que a crença na ressurreição é apenas ligeiramente mais elevada neste grupo do que na população portuguesa e que a crença de que o Reino de Deus anunciado por Jesus é o futuro da humanidade tem um percentual ligeiramente menor. Assim, constata-se um certo grau de desvio e contradição relativamente à ortodoxia católica, tal como identificado por Vilaça na análise dos dados do IRP para os crentes de outras religiões, que não a católica (Vilaça, 2013, p. 102). Este desvio pode ter várias explicações, desde as questões do bricolage até uma certa secularização interna da IC, mas também a dificuldades da IC em transmitir a sua doutrina e ainda a permeabilidade da IC aos que não se enquadram tanto na sua doutrina; mas pode também ser entendido enquanto capacidade criativa dos jovens de navegarem entre a cultura da instituição Igreja Católica e outras, tendo em consideração a dificuldade de se afiliarem/comprometerem com uma instituição religiosa em específico. Um outro aspeto a salientar é que, associado à participação nos grupos de jovens católicos, podem estar a desenvolver-se situações de pertença sem acreditar ou acreditando apenas parcialmente (tendo em consideração os números das práticas), bem como fenómenos de resistência, negociação e idealismo no âmbito de processos de transformação da própria IC.

A análise comparativa com os dados do IRP revela que, apesar dos desvios e contradições, as crenças dos nossos inquiridos estão mais alinhadas com a ortodoxia católica do que a população nacional com as pertenças a várias religiões/crenças, o que seria expectável. Os dados expressam, igualmente, uma elevada crença dos jovens em diversas crenças, o que pode apontar para que, apesar de Portugal ser um país essencialmente de católicos, esta população poder estar em declínio, podendo estar a vivenciar-se um processo de secularização tardia.

Conclusões

De acordo com Casanova (2006), os estudos no âmbito da religião têm-na abordado essencialmente a partir do seu declínio. O autor considera a necessidade de a abordar a partir das novas formas que está a assumir no mundo contemporâneo, aos mais variados níveis. Este estudo é um contributo para o pensamento sobre a identidade religiosa daqueles que, de alguma forma, têm um grau de pertença significativo ao catolicismo – os participantes em Grupos de Jovens Católicos.

Os dados aqui apresentados demonstram uma elevada variedade de formas de organização e de pertença a estes grupos. Ainda que a maioria dos participantes tenha entre 16 e 20 anos, existe uma elevada amplitude de idades, nos GJC. bem como na configuração familiar e nos processos individuais de formação, o que coloca desafios ao trabalho desenvolvido no interior dos grupos e, em consequência, à forma como se constroem as identidades religiosas.

As formas de organização e os modos de funcionamento constituem outros aspetos de diversificação dos grupos de jovens católicos, sendo possível identificar diferenças significativas na periodicidade das reuniões, que pode ser muito variável, bem como no tipo de ações desenvolvidas nas reuniões e nas atividades que o grupo organiza e/ou em que participa. De facto, os grupos vão construindo as suas próprias identidades grupais, sendo que alguns têm maior tendência para a discussão de temas, outros para a oração e outros para a organização de atividades na paróquia. Esta diversidade implica formas muito diferentes de organização/gestão do tempo do grupo e encerra, em si mesma, processos muito variados de socialização que, em muito, interferem com a construção de uma identidade.

Do ponto de vista da forma como cada jovem se posiciona face à religião, foi surpreendente encontrar, entre os participantes nestes grupos, alguns que não necessariamente se posicionam no catolicismo, apesar de a grande maioria ter tido uma forte socialização católica ao longo da infância e adolescência. Sendo que os estudos recentes demonstram que o catolicismo cultural ainda é uma marca da sociedade portuguesa, a posição religiosa não é suficiente para revelar a identidade. Uma análise cuidada das práticas, nomeadamente de missa e de oração, permite compreender um panorama substancialmente mais complexo, convivendo, nestes grupos, jovens com práticas muito diversificadas. De facto, muitos deles não são observantes nem no que diz respeito à missa nem à oração, existindo mesmo animadores entre os não observantes, o que assume ainda maior relevância.

Torna-se assim claro que, na senda do que já tinha sido identificado por Alfredo Teixeira nas interpretações acerca dos dados do Inquérito sobre a Religiosidade em Portugal, estamos na presença de uma identificação religiosa cada vez mais diversificada e descompactada (Teixeira, 2012, 2013). A diferenciação vai adquirindo aspetos cada vez mais subtis, tornando-se necessário questionar sobre a pertença a grupos como os GJC para compreender as diferentes formas de identificação com o religioso. Um outro aspeto que concorre para a diferenciação são as crenças – na sua variabilidade, os inquiridos demonstram um certo grau de desvio e contradição, tendo, não obstante, direito à participação nestes grupos.

É neste contexto de diferenciação e eclesiosfera diferenciada que se torna relevante compreender também o papel da IC, permitindo, de alguma forma, a participação em GJC de alguns que não se denominam católicos, ou que têm uma prática religiosa irregular, de animadores não observantes, de pessoas em situações consideradas irregulares (por exemplo, vivendo em união de facto), e a existência de grupos em que não há espaço para a oração, etc. Assim, é possível equacionar a hipótese de que estes processos de diferenciação e descompactação das identidades religiosas católicas se dão à custa de negociações e processos de resistência, tendo a juventude, neste processo, um papel muito particular. De alguma forma, os jovens, pela forma relativamente fluida como se associam ou desassociam dos diferentes contextos sociais, conseguem "quebrar" alguma resistência da Igreja aos processos de diferenciação das identidades religiosas.

Referências

A.A.V.V. Bases para a Pastoral Juvenil em Portugal. Lisboa, 2002.

ALBERTO, Rui. A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização. Theologica, 2ª Séries, v. 47, n1, p.71-95, 2012.

ALBERTO, Rui. Campos prioritários da pastoral vocacional: pastoral juvenil. Ebronesia, v. 28, n. 49, p.129-137, 2015.

BARBOSA, Adérito Gomes. Os jovens portugueses e a nova evangelização. Porto: Revista Humanistica e Teologia e Fundação Eng. António de Almeida, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada: vidas contadas, histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANÁRIO, Rui. Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In: Licínio Lima, Rui Canário, José Auguso Pacheco, Manuela Esteves (Org.), A educação em Portugal (1986-2006): Alguns contributos da investigação. Lisboa: CNE, 2006, (pp. 159-206).

CARVALHO, Cristina Sá. Pastoral Juvenil e diálogo entre carismas. A fé no itinerário educativo – Escolas Católicas e EMRC. Theologica, v. 47, n.1, p.125-133, 2012.

CASANOVA, José. Rethinking Secularization: A Global Comparative Perspective. The Hedghog Review v.Spring & Summer, p.7-22. 2006.

DOMINICÉ, Pierre. O proceso de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In Mathias Finger & António Nóvoa (Org.), O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde. 1998, pp. 53-61.

MAGALHÃES, Pedro; MORAL, Jesus Sanz. Os jovens e a politica. Lisboa: Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica Portuguesa, 2008.

MARÔCO, João. Análise Estatística com o SPSS Statistics (6ª ed.). Pêro Pinheiro: ReportNumber, 2014.

MEDINA, Teresa. Experiências e Memórias de Trabalhadores do Porto: A dimensão educativa dos movimentos de trabalhadores e das lutas sociais. (Doutoramento), Universidade do Porto, Porto, 2008.

MENDES, João Chaves. Pastoral Juvenil: Marco de referência à luz da pastoral juvenil salesiana. Porto: Edições Salesianas, 2018.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. Análise Social, v.XXI, n.105-106, p.139-165, 1990.

PAIS, José Machado. (2009). A Juventude como fase da vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. Saúde e Sociedade, São Paulo, v.18, n.3, p.371-381, 2009.

SILVA, Sofia M. Da casa da juventude aos confins do mundo: Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

TEIXEIRA, Alfredo. Identidades descompactadas: práticas e sociabilidades crentes no campo católico. Theologica, 2ª Série, v.46, n.2, p.249-271, 2011.

TEIXEIRA, Alfredo. Identidades Religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa (CESOP e CERC) [policopiado], 2012.

TEIXEIRA, Alfredo. (2013). A eclesiosfera católica: pertença diferenciada. Didaskalia, v. XLIII, n.1.2, p.115-205, 2013.

UE. Flash Eurobarometer 455 – European Youth. 2018. Disponível em: https://ec.europa.eu/commfrontoffice/publicopinion/index.cfm/ResultDoc/download/DocumentKy/82294

VILAÇA, Helena. Novas paisagens religiosas em Portugal: do centro às margens. Didaskalia, v.xliii, n.1,2, p.77-110, 2013.

VILAÇA, Helena. Catolicismo: Quo vadis? In Paulo Victor Zaqueu-Higino, Péricles Morais de Andrade Junior, & Rodrigo Portella (Org.), Catolicismo: Quo Vadis?. São Paulo, Brasil: Editora Resistência Acadêmica, 2021, pp. 65-82.

VILAÇA, Helena; OLIVEIRA, Maria João. A Religião no Espaço Público Português. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019.

Editora responsável: Alfredo Teixeira
Submetido em: 02/11/2021
Aprovado em: 10/12/2022